

VAN GOGH E A COR:

UM ESTUDO SOBRE SUAS APLICAÇÕES E EFEITOS NA OBRA DO PINTOR.

FREITAS, Reginaldo Frangulles,
GIRATA, Paulo Yutaka Toyoshima,

RESUMO

Este trabalho trata da aplicação e uso da cor na pintura a partir da obra de Vincent Van Gogh. Tal problemática consiste em como aplicar a cor, na pintura, para que seja transmitida ao espectador um determinado conjunto de sensações, efeitos ópticos e psicológicos, partindo da obra de Vincent Van Gogh. Esta questão se justifica devido ao fato de o artista em questão, ao longo de sua carreira, haver alterado a sua forma de pintar e refinado a sua poética visual distanciando-se do uso da cor local. O objetivo central desta pesquisa foi obter maior conhecimento e aprofundamento a respeito do assunto tratado, afim de se utilizar do mesmo para refinar as técnicas aplicadas no processo de pintura a óleo, acrílica e etc., além dos elementos básicos das linguagens visuais. Para isso, foram empregados os seguintes procedimentos; uma pesquisa bibliográfica em relação ao tema, Aplicação e uso da cor na pintura a partir da obra de Vincent Van Gogh, visando alcançar os objetivos propostos. Também se visitou a biografia do pintor holandês, que viveu no século XIX, Vincent Van Gogh, além de breve análise de 3 obras do artista, executadas em momentos distintos de sua carreira. Esse propósito será fundamentado através da revisão bibliográfica. O estudo esclareceu que o estado de espírito do artista e o ambiente onde o mesmo se encontra exerce impacto direto na obra, fazendo o mesmo preparar ou até mesmo modificar sua paleta de cores dependendo do sentimento que deseja transmitir ao espectador.

Palavras-chave: Van Gogh. Cor. Pintura.

1. Introdução

Este estudo bibliográfico foi produzido a fim de concluir o curso de Bacharelado em Artes Visuais do Centro Universitário UNINTER, percorrendo sobre o tema “Aplicação e uso da cor na pintura a partir da obra de Vincent Van Gogh”. Este título faz referência a linha

de pesquisa “Poética e Linguagem nas Artes Visuais”. Esta, traz como eixo temático a “A cor e seus efeitos Ópticos e Psicológicos a partir da obra de Vincent Van Gogh”.

Aristóteles afirmava que a cor é uma propriedade dos objetos. Da Vinci, percebeu que esta é uma propriedade da luz. Sir Isaac Newton, observando a luz branca a dividir-se nas cores do espectro visível ao passar por através de um prisma e recompondo-se em branca ao cruzar por outro, desenvolveu sua própria e sofisticada Teoria das Cores. A cor está em tudo, permeia tudo, mesmo no vácuo, no escuro profundo, sua essência está lá, a espera da primeira luz. Faz parte da história e das diferentes culturas, de suas manifestações e de seu sentir. A mais poderosa ferramenta do artista, que envereda pelos caminhos da pintura, para fazer mover ou repousar em harmonia, representar, figurar e expressar sentimentos. Conforme Vaz e Silva, o artista transmite algo, alguma coisa ou efeito através da harmonia das cores empregadas.

A combinação das cores de forma harmônica pode ser realizada de diversas maneiras e ter diferentes efeitos. Essas combinações podem ter maior ou menor contraste. A escolha de uma harmonia ou outra depende dos efeitos que o artista, *designer* ou arquiteto pretende obter. Podemos optar por produzir uma combinação que transmita tranquilidade, ou outra, que provoque os sentidos. (VAZ; SILVA, 2016, p. 131)

Van Gogh inicia sua carreira relativamente tarde, principalmente se considera-se sua tão breve passagem pela vida. Nota-se em seus primeiros quadros alguma influência de seu conterrâneo, Rembrandt, entretanto, provavelmente sua maior influência foi o pintor realista Jean-François Millet. Evidentemente, Vincent desejava transmitir algo através de sua pintura, principalmente seus valores, como bem apontado por Walther e Metzger (2015, p 159), não apenas na forma, mas, também com sua paleta em tons castanhos com as quais retratava a gente comum como os camponeses em Nuenen, cores terrosas para aqueles que trabalham a terra.

Ao escrever à irmã dois anos mais tarde de Paris (Carta W1), Van Gogh continuava a considerar *Os Comedores de Batatas* o seu quadro mais conseguido. Basicamente era o único dos seus quadros que considerava

valer a pena mostrar ao público. Era o único que ele conseguia imaginar ter o seu lugar na tradição de Millet ou Breton, o único (no seu ponto de vista) que comunicava os valores que ele achava que a arte deveria comunicar. (WALTHER; METZGER, 2015, p 159)

Na Antuérpia, a paleta melancólica cede tímido espaço a tons mais vivos, porém, é na alegre Paris da *Belle Époque* que cores mais vibrantes passam a fazer parte de sua assinatura como artista. Não apenas a luz da capital francesa, talvez a mais cosmopolita cidade europeia do séculos XIX, mas a convivência com grandes artistas da época e amizade com alguns dos mesmos o inspiraram, nos mostra Néret (1996, p.46) a influência por parte de Toulouse-Lautrec.

São correspondências e influências recíprocas entre dois artistas maiores, pois também Van Gogh, no seu quadro *A menina Gachet ao piano*, parece ter sofrido influência de Lautrec em *A Menina Dihan a tocar piano*. (NÉRET,1996, p.46)

A partir de então, Van Gogh deu seu maior passo para se tornar um dos maiores, se não o maior, colorista e com certeza, o pintor mais amado de todos os tempos; aquele que através de pinceladas pastosas de cores vibrantes e luminosas simulou movimento, transmitiu serenidade e, acima de tudo, paixão. Portanto, mostra-se salutar para o artista ou entusiasta da pintura dedicar-se por um período ao estudo da cor e o que ela representa na obra do pintor, a fim de desenvolver sua própria técnica, poética e como aplicar a cor, na pintura, para que seja transmitida ao espectador um determinado conjunto de sensações, efeitos ópticos e psicológicos, partindo da obra de Vincent Van Gogh.

2. Metodologia

Este estudo teve como base uma pesquisa bibliográfica em relação ao tema, Aplicação e uso da cor na pintura a partir da obra de Vincent Van Gogh, visando alcançar os objetivos propostos. A pesquisa para a coleta de dados usada no desenvolvimento do trabalho foi realizada por meio do estudo organizado sistematicamente baseado em materiais publicados a partir de livros, artigos e fontes

eletrônicas que tratam sobre o tema apontado. O presente estudo tem como referencial teórico as publicações de Ingo F. Walther e Rainer Metzger, Steven Naifeh e Gregory White Smith, Ernest Hans Gombrich, Eva Heller, Amanda Siqueira Torres Cunha, Adriana Vaz e Rossano Silva, Jeremy Webb entre outros autores que colaboraram para a pesquisa. Baseando-se nesses referenciais, foram apresentados alguns conceitos e definições.

3. Revisão bibliográfica/ Estado da arte

3.1 Luz e Cor

Este tópico tem por finalidade observar sucintamente conceitos, aspectos técnicos e históricos a respeito da cor, como é percebida e como é interpretada pelas mais diversas sociedades, afim de adquirir algum embasamento para melhor analisar a obra do pintor holandês Vincent van Gogh, assim norteando artistas visuais e entusiasta à um estudo mais aprofundado ou mesmo fornecendo elementos para aplicação em seus trabalhos.

A luz é branca, ou ao menos nos parece branca, sendo branco como convencionou-se chamar, ao longo do tempo, as coisas brilhantes, límpidas e/ou translúcidas, ou seja; a mais clara das cores não cromáticas. O comprimento de onda mais curto, o azul, ao penetrar na atmosfera, espalha-se pelas pequenas partículas de gás que a formam, dando-lhe uma tonalidade azulada, ou seja, a luz solar branca, soma de todas as cores de seu espectro, já chega até nós colorindo tudo por onde passa ou toca, afinal, a cor é propriedade da luz; tudo que possui cor reflete seu comprimento de onda e absorve os demais, sendo assim, pintado pela luz. Conforme Vaz e Silva, (VAZ; SILVA, 2016, p. 116).

A cor é uma sensação luminosa transmitida, pelo reflexo da luz em uma superfície, aos nossos olhos, que por meio de um sofisticado mecanismo fisiológico a percebe como colorida. (VAZ; SILVA, 2016, p. 116)

Desde a aurora dos tempos, pelo menos ao tempo que diz respeito ao Homo Sapiens, a cor exerce importante papel nas mais diversas sociedades, tanto no aspecto simbólico, prático, decorativo ou mesmo de sobrevivência, pois, a cor que grita na natureza é sinal de alerta. É possível verificar que os primeiros grupos humanos possuíam uma determinada relação, fazendo uso dela para assinalar sua passagem pelo mundo. Utilizando-se de pigmentos extraídos da natureza como, argila e sangue de animais, ou subproduto da ação dos elementos; cinza e fumo a partir da queima de fogueiras, o homem primitivo pintava, nas cavernas onde habitava, as mais diversas cenas do seu quotidiano ou ainda, como sortilégio afim tornar favorável a atividade da caça (GOMBRICH, 2019, p. 42).

A explicação mais provável para essas pinturas rupestres ainda é a de que se trata das mais antigas relíquias da crença do poder universal no poder das imagens; dito em outras palavras, parece que esses caçadores primitivos imaginavam que, se fizessem a imagem de sua presa [...] os animais verdadeiros sucumbiriam ao seu poder. (GOMBRICH, 2019, p. 42).

Com o passar dos anos, sociedades tribais foram dando lugar a outras culturas mais sofisticadas, ao mesmo passo, novos pigmentos e aglutinantes foram descobertos ou inventados. O albúmen, por exemplo, foi largamente utilizado durante a idade média. A maior facilidade para tingir ou aplicar cor a algo fez aflorar novos significados, claro, dependendo dos usos e costumes de seus povos ou de quem lhe dava sentido, podendo uma determinada tonalidade possuir um certo sentido em alguma localidade e em outra o seu completo oposto, como cor a branca, vista no ocidente como a cor do princípio, na Ásia é utilizada para simbolizar o luto. Ou o amarelo representando o traidor, o herege que comparecia aos tribunais da Inquisição Espanhola vestindo um capote desta cor, enquanto na China ela é aceita como representação da felicidade e da glória (HELLER, 2012, p.97).

Cor da felicidade, da glória, da cultura, da harmonia, da sabedoria – isso é o amarelo. Cada raça se considera o coroamento, o suprassumo da criação. Os brancos idealizam o branco, para os asiáticos o amarelo é a cor mais linda – muitos europeus costumam acreditar. (HELLER, 2012, p.97)

Notadamente, para este trabalho, é necessário destacar o papel que a cor exerce no psicológico humano, não apenas pelo significado atribuído a alguma determinada cor pelas diversas sociedades, mas, também pelo que associamos ao que vimos na natureza; verdes intensos em plantas ou animais, os quais nos remete a algo venenoso, uma determinada tonalidade de amarelo de um fruto maduro, ou mesmo o roxo/violeta que pode nos evocar lábios sem vida. Este fato, o efeito psicológico da cor sobre o indivíduo, havendo sido percebido pelos artistas visuais, em dado momento seus princípios passam a ser utilizados pelos mesmos em sua arte para transmitir um determinado conjunto de sensações àqueles que viessem a ter contato com as mesmas. Pontua-se que tais princípios vem sendo largamente utilizados, atualmente, por profissionais do design como afirma Webb (2015, p. 64).

A força da cor pode ser usada para interferir em nosso humor e em nosso nível de envolvimento com uma determinada imagem. Frequentemente, cores primárias ousadas e diretas são usadas para anunciar a intenção de uma imagem – para chocar ou surpreender – ao passo que uma paleta de cores mais suaves e sutis nos convida a estabelecer uma relação mais tranquila, mais contemplativa com a imagem. (WEBB, 2015, p. 64)

Por fim, citemos brevemente: a Cor Espacial, também conhecida como perspectiva aérea, método pelo qual se dá sensação de profundidade em uma pintura utilizando-se diferentes tonalidades de azul; e a Cor Local, termo ou conceito utilizado pelo artista para se referir a cor original de um determinado objeto visto sob a luz natural. Sobre ambas pode-se dizer que a primeira é amplamente utilizada na pintura de paisagem, enquanto a segunda, ao longo do tempo, tem e teve suas regras subvertidas por artistas ligados as vanguardas da arte moderna. Ainda sobre Cor Local, apontemos, Cunha (2016, p.153):

De acordo com o princípio da cor local, uma maçã vermelha, por exemplo, será sempre pintada na cor vermelha, com vistas a buscar o máximo de proximidade cromática entre a pintura e o objeto real. (CUNHA, 2016, p. 153)

Sob determinado ponto de vista, Van Gogh melhor se encaixa na categoria daqueles que subvertem as regras para transmitir, através de suas composições cromáticas, um sentimento, estado de ânimo ou características da personalidade do retratado. Mesmo não logrando êxito durante sua carreira, após o fatídico acidente que veio a vitimá-lo, o pintor dos girassóis passou a ser reconhecido como um grande mestre e exímio colorista, influenciado pelo Impressionismo ou pelo Japonismo, classificado ora Pós-Impressionista, ora Pré-Expressionista, é consenso o reconhecimento de sua habilidade ao colorir. Sobre sua relação com a cor, no ato da pintura, o próprio nos faz entender, em carta a sua irmã, Willemina, em citação por parte de Walther e Metzger (2015,p446):

Van Gogh descreveu a irmã (Carta W9) [...]: “Não sei se consegues entender que é possível fazer poesia através apenas de um bom arranjo de cores, tal como se pode transmitir uma sensação de conforto através da música. (WALTHER; METZGER, 2015, p. 446)

3.2 Vincent Van Gogh

Comecemos este capítulo falando mui sucintamente da vida de Vincent Van Gogh; filho de Anna Cornelia e Theodorus Van Gogh. Nasceu no dia 30 de março de 1853, exatamente um ano após seu irmão natimorto, de quem Vincent herdara o mesmo nome. Sua família vivia em um modesto presbitério em Zundert, Holanda, onde seu pai era pastor calvinista. Ambiente que teve grande influência em sua personalidade. Trabalhou por algum tempo no comercio de arte na Goupil & Cie, inicialmente em Haia, na sucursal estabelecida por seu tio Vincent, depois é transferido para Londres. Mais tarde, após abandona a carreira e tenciona tornar-se um homem da religião, assim como o pai. Prega em Isleworth, Inglaterra, passa pelo Borinage, na Belgica e, não logrando êxito, torna a casa dos pais, agora estabelecidos em Nuenen. (NAIFEH; SMITH, 2012)

Pode-se afirmar que Van Gogh dá seus primeiros passos mais firmes como artista a partir de 1880, quando vai a Bruxelas e matricula-se na academia com intenção se aprimorar no desenho e nas técnicas da aquarela e água-forte. Entretanto, não é errado

afirmar que o grande *start* se dá em Nuenen onde inicia seus estudos a óleo com maior afinco e passa a retratar a vida simples dos camponeses, pessoas e modo de vida pelos quais tinha grande apreço.

3.2.1 Van Gogh, Fase Nuenen

Iniciaremos, então, fazendo uma breve análise da obra “Os Comedores de Batatas” (figura 1), de 1885. Óleo sobre tela, de dimensões 81,5x114,5, hoje no Van Gogh Museum, Amsterdã.

Figura 1 - Os Comedores de Batatas (1885)



Fonte: Van Gogh (1885). Disponível em: <https://bityli.com/XsFlo>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Vincent demonstra, claramente neste quadro, ter sofrido grande influência de pintores do Realismo, movimento que contava com nomes como Millet e Courbet e que imprimia na tela a vida tal como era entre a gente comum do século XIX, sem o menor *glamour*. Temos aqui uma família campesina, a volta de uma mesa durante a ceia; uma refeição simples, frugal, basicamente café, talvez chá e as batatas, que dá nome a obra. Para chegar a este resultado, o artista executou uma série de estudos de cabeças e mãos de camponeses, contraste entre claro escuro, este com apenas quatro pessoas, um desenho transformado posteriormente em litografia e duas telas, uma delas com dimensões menores que a definitiva. As cinco personagens são representadas com traços quase caricaturais, entretanto, sem perder a dignidade, mãos calejadas e nodosas de quem

trabalha a terra desde o amanhecer até o pôr-do-sol, olhos grandes e redondos simbolizando uma pureza idealizada, porém, com olhares um tanto dispersos, vagos, demonstrando o cansaço do final de um dia, ou até mesmo, uma vida de trabalho árduo.

O castanho, marrons e tons esverdeados predominam na tela, enquanto ainda há pinceladas de cor local nos rostos e uma difusa luz amarelo-alaranjada, oriunda da lamparina a óleo sobre a mesa, banhando a sala. O *chiaroscuro* se faz presente, há volume nas formas e profundidade no ambiente, demonstrando claramente a tentativa do uso de perspectiva matemática. A palheta utilizada é sóbria e traz um sentimento de melancolia, evocando aqui o simbolismo da cor como apontado por (CUNHA, 2016, p. 168), afinal, tons mais frios, em oposição alaranjado emitido pela lamparina, como o verde e o castanho, assim o sugere.

Historicamente, percebemos que a cor se pronuncia como elemento de referência da linguagem da pintura. Assim, notamos que ela pode remeter a estados de emoção, como ocorre marcadamente também na pintura de Vincent Van Gogh. (CUNHA, 2016, p. 168)

3.2.2 Van Gogh, Fase Paris

No ano de 1887 Vincent vive com seu irmão na efervescente Paris, toma contato com a obra dos Impressionistas, agora já estabelecidos e reconhecidos, conhece artistas renomados, dentre eles Toulouse-Lautrec, de quem se torna amigo e acaba por influenciar e ser influenciado. Nesta época a Europa era tomada por uma verdadeira febre do Japão. Dando sequência, temos o quadro “Mulher Italiana” (figura 2), um óleo sobre tela, 81x60 cm, onde o artista retrata a dirigente do café *Au Tambourin*, Agostina Segatori, espaço frequentado pelo próprio, seu amigo Lautrec, Édouard Dantan, entre outros artistas.

Figura 2 – Mulher Italiana (1887)



Fonte: Van Gogh (1885). Disponível em: <https://bityli.com/Zouhr>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Na obra a personagem principal é separada do fundo, amarelo em dois tons, praticamente chapado, demarcado com pinceladas vigorosas e com total ausência de perspectiva, por um contorno leve, efeito produzido com as cores que compõem a vestimenta, cabeça e cadeira onde está sentada a retratada. O verde presente na saia contrasta com o vermelho em uma combinação complementar, o preto reforça os padrões presentes no vestido, e uma luz esverdeada reflete em seu rosto, harmonizando, analogamente, com o fundo. Desta feita, percebe-se aqui, o abandono da palheta terrosa e até mesmo sorumbática dos anos anteriores, efeitos da alegre e iluminada Paris, da convivência com grandes pintores de seu tempo e, evidentemente, da gravura japonesa. O volume das formas é quase inexistente, dado a total ausência de *chiaroscuro* ou pela utilização de um gradiente muito sutil, não há evidência de perspectiva, somente a mudança abrupta do amarelo para as demais cores que compõem a personagem central, que apesar da expressão serena, exala otimismo devido a luminosidade do amarelo, tonalidade que muito agradava ao pintor (HELLER, 2012, p.86). O encosto da cadeira, em azul, harmoniza, complementar e indiretamente, com o fundo, localizando espacialmente a personagem, demonstrando que ela e a parede são coisas completamente distintas. As

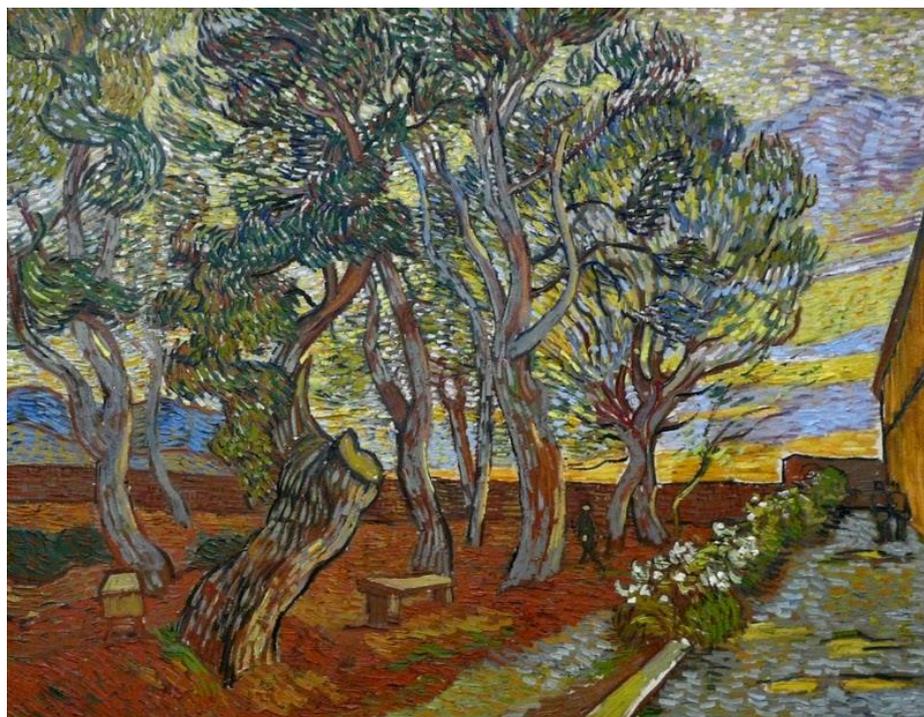
linhas verdes e amarelas justapostas no topo e na borda esquerda do quadro emolduram o conjunto ao mesmo tempo que empurra a retratada para frente.

A luz do Sol é percebida como amarela, embora seja, em verdade incolor. Vincent Van Gogh escreveu sobre a luz do Sul da França: “Existe aqui, em volta de tudo, uma tonalidade de enxofre, o sol me sobe à cabeça. Uma luz que, na falta de melhor modo de descrever, só posso chamar de amarela, uma luz pálida como enxofre, amarelo limão desmaiada. Ah! Como é lido o amarelo” (HELLER, 2012, p.86).

3.2.3 Van Gogh, Fase Saint-Rémy

Saltemos agora para o ano de 1889 para breve análise da obra “O Jardim do Hospital Saint-Paul” (figura 3), óleo sobre tela de proporções 71,5x90,5cm, executada em Dezembro daquele ano em Saint-Rémy.

Figura 3 - O Jardim do Hospital Saint-Paul (1889)



Fonte: Van Gogh (1885). Disponível em: <https://bityli.com/vKJnb>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Ao final de 1887 a alegre Paris soava opressiva para o artista que ansiava por um mundo melhor, prometido por sua concepção imaginada do Japão (Walther e Metzger, 2015, p. 314). Sem condições financeira para empreender viagem a tão distante nação, Van Gogh idealiza a sua, utópica, Terra do Sol Nascente em Arles, sul da França. Lá não pretendia apenas experimentar os ares dos trópicos e captar a luz que pensava ser semelhante a do país asiático, mas, também, estabelecer uma colônia ou comunidade de pintores, sendo o único que veio a permanecer algum tempo em sua companhia, Paul Gauguin. Em Arles, Vincent, em uma explosão de criatividade, pinta algumas de suas obras mais celebradas, como: O Café Noturno na Place Lamartine, A esplanada do Café na Place du Forum, A Casa Amarela e Natureza-Morta: Jarra com Catorze Girassóis. Após o fracasso de sua comunidade de artistas, a relação tempestuosa com Gauguin, o fatídico episódio da orelha e hostilidade por parte da população local, as crises nervosas de Van Gogh pioraram a ponto de o artista manter-se internado em Saint-Paul-de-Mausole, hospício localizado em Saint-Rémy, há cerca de 20km ao norte. Desta feita, sendo a ele permitido exercer a atividade da pintura, Vincent produziu cerca de 140 quadros (Walther e Metzger, 2015, p. 509), um deles, provavelmente sua pintura mais conhecida; Noite Estrelada.

Depois deste preâmbulo, chega-se ao objeto de breve análise, “O Jardim do Hospital Saint-Paul”, pintura que representa uma sessão do jardim do mosteiro que servia de hospital psiquiátrico, onde o pintor demonstra claramente e descreve em carta a seu amigo Bernard o uso intencional da cor para exprimir uma ideia ou sentimento (Walther e Metzger ,2015, p. 506). Na tela, o mestre se utiliza de suas características pinceladas vigorosas, rápidas e com volume de tinta significativo, as linhas de contorno auxiliando na separação dos elementos e do fundo, não havendo elementos de perspectiva aérea, entretanto, diagonais conduzem o olhar até o muro, sem um ponto de fuga definido. O preto contornando as árvores, engessando sua aparência retorcida, transmitindo uma certa sensação de claustrofobia, como a dos pacientes enclausurados na instituição e entre elas circula uma figura igualmente em negro; um interno, enfermeiro, talvez? O amarelo se faz presente trazendo alguma luminosidade, no horizonte adquire tom alaranjado de final de tarde e, embora se possa divisar o azul no céu é possível perceber tonalidades de verde entre as nuvens, algo não visto na natureza. Porém o que mais chama a atenção é o

vermelho-ocre dos muros e do solo, tornando o ambiente mais carregado passando ao espectador a sensação de angústia, como nas palavras de Vincent;

[...] Vais ver que esta utilização do vermelho ocre, do verde escurecido pelo cinzento e das pinceladas negras que definem os contornos tentam transmitir uma sensação de angústia, do tipo de que sofrem muitos dos meus companheiros de infelicidade. (WALTHER; METZGER, 2015, p. 506)

4. Considerações finais

Ao longo dos anos muito já foi dito a respeito da vida daquele que, com certeza, é o pintor mais popular de todos os tempos, conhecido até mesmo por aqueles que não possuem, sequer, conhecimento básico sobre arte. Um sem número de pessoas é capaz de vincular obras célebres como Noite Estrelada ou o Quarto de Vincent em Arles a Van Gogh, entretanto, muito do material disponível ao grande público foca no trágico acidente que o vitimou, o já famoso episódio da orelha ou sua mente perturbada. Pouco se fala de o quão culto foi o artista em vida, demonstrado claramente nas inúmeras cartas escritas ao seu irmão Theo. Talvez algumas das raras exceções, além, é claro, de autores referenciados neste trabalho, sejam a professora Patrícia de Camargo (2017) e o artista plástico Marcio Petroni (2017), ambos facilmente encontrados nas redes sociais e plataformas de vídeo on-line na internet. Porém, todos os estudiosos sérios a respeito da vida e obra de Vincent Van Gogh concordam que o artista se entregava de corpo e alma a tudo que se dispunha a fazer, mesmo que não viesse a lograr êxito. Com a arte não foi diferente, tão verdadeira é esta afirmação que, em aproximadamente 10 anos de carreira, o mestre nos legou cerca de 900 quadros. No decorrer da pesquisa, percebeu-se o quanto Vincent era dedicado, aplicado e estudioso da arte e cultura de sua época, além disso, vê-se que o mesmo pintava com extrema paixão e como seus trabalhos eram carregados de significado (WALTHER; METZGER, 2015, p. 331), principalmente no que tange ao uso da cor, objeto deste exame.

É tudo luz. As próprias árvores de fruto de Van Gogh significam luz. Mesmo onde há sugestões de sombras, é como se as zonas mais

escuras fossem apenas projeções dos botões em flor – como se estes fossem uma lâmpada e o tronco e os ramos fossem o candeeiro. (WALTHER; METZGER, 2015, p. 331)

Também verificou-se que os diversos matizes que trespassam nossas retinas possuem significados diversos ao longo do tempo, entre os mais diversos grupos culturais, ou mesmo mídias modernas como o cinema (BANKS; FRASER, 2007, p. 14), e que a luz é fator preponderante para a nossa percepção da cor. Que assim como é possível se utilizar de uma determinada cor para criar a ilusão de distância, utilizando-se técnica de perspectiva aérea, também se pode utilizar de outra para passar um sentimento qualquer, como angústia, por exemplo. Foi exatamente o que o pintor holandês fez com suas céleres e enérgicas pinceladas; imprimiu na tela a tristeza, a dor, o afastamento do mundo, a esperança, a alegria efêmera, mas, acima de tudo, a paixão.

No cinema e na televisão a cor pode ser profundamente simbólica, referindo e enfatizando determinados personagens e – como em publicidade – tentando provocar ou reforçar respostas emocionais. (BANKS; FRASER, 2007, p. 14)

Em uma abordagem mais objetiva, concluiu-se que para a utilização da cor, afastando-se da cor local, em uma pintura, com o objetivo de transmitir uma determinada sensação ou estímulo ao espectador, antes de tudo, é necessário reservar espaço para o estudo sobre o que ela evoca para diferentes grupos, sociedades ou até mesmo indivíduos. No caso de Vincent Van Gogh, em particular, verifica-se que o ambiente social exerce grande influência, entretanto, como com os Impressionistas, a luz é fator preponderante para a composição de muitas de suas obras, vide suas paisagens realizadas ao sul da França, para quem a luz local lhe parecia amarela, mesmo sabendo-se que a luz solar é incolor. Tratando em especial do amarelo, nos quadros do artista, percebe-se que além de iluminar, a mesma transmitia a sensação de calor, tal qual um abraço. E se faz necessário lembrar que para manter viva por muito tempo esta experiência visual, o mestre também se valia

de pinceladas espessas, visto que a qualidade das tintas utilizadas algumas vezes não era adequada (HELLER, 2012, p.100).

Havia vários tons do amarelo cromo, indo do amarelo limão até o amarelo laranja; Van Gogh sabia que todas essas cores iriam empalidecer, por isso as empregou em camadas extremamente espessas. (HELLER, 2012, p.100)

Anteriormente, mencionou-se o vermelho-ocre, tonalidade que na pintura em questão, “O Jardim do Hospital Saint-Paul”, o artista demonstra abertamente em carta a seu amigo Émile Bernard, a intencionalidade de provocar no espectador um sentimento de angústia, o que nos leva a crer que o mesmo tenha se afastado um pouco ou, deliberadamente, alterado a cor original do solo visto no pátio do hospital, afim de efetivar seu intento: comunicar visualmente uma sensação através de um dos elementos presentes no quadro. Finalmente, o elemento que mais chama a atenção é a utilização de cores planas e puras em harmonias complementares, diretas e indiretas, separando os elementos, os alocando espacialmente sem o uso de perspectiva, tanto aérea quanto matemática, talvez sendo este o mais interessante efeito óptico em seu trabalho. Mostrando que é perfeitamente possível criar composições agradáveis utilizando os elementos mais básicos e simples dos fundamentos da linguagem visual, onde não se faz necessário dar volume através do *sfumato* ou gradientes elaborados, deixando a cor local em segundo plano.

Vincent Willem van Gogh legou ao mundo intensidade, na forma e conteúdo, afastou-se do academicismo, fez-se autodidata, trabalhou com afinco e produziu com amor e por amor à vida, à arte, ao belo. Alegria, tristeza e vontade de viver podem ser vistos em seus quadros e mais, através deles inspirou e inspira novas gerações de pintores, além disso, ensinou que dedicação e estudo são parte fundamental na formação do artista, porém, o cultivo daquela chama que arde por dentro é o principal elemento para o empreendimento de grandes obras.

Referências

- CAMARGO, Patrícia de. **Van Gogh: o senhor da cor**. Youtube, 24 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xtkX3apjY2o>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- CUNHA, Amanda Siqueira Torres. **Ateliê de Artes Visuais: Pintura**. 1. ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2016.
- FRASER, Tom; BANKS, Adam **O Guia Completo da Cor: Pintura**. 1. ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2007.
- GOMBRICH, Ernest Hans. **A História da Arte 2** ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.
- HELLER, EVA. **A Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 2. ed. São Paulo: G. Gili, 2020.
- NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White. **Van Gogh: a vida**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NÉRET, GILLES. **Toulouse-Lautrec**. Editado por Ingo F. Walther; tradução Helena Gubernatis e Clara da Rocha Pinto. 1. ed. Colônia: Taschen Biblioteca Universalis. 1996.
- PETRONI, Marcio. **Van Gogh: vida e obra**. Youtube, 23 jun. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r4rTLsYIYM4>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- VAZ, Adriana e SILVA, Rossano. **Fundamentos da Linguagem Visual**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- WALTHER, Ingo F. e Metzger, Rainer. **Van Gogh: Obra Completa de Pintura**. 1. ed. Colônia: Taschen Biblioteca Universalis, 2015.
- WEBB, Jeremy. **O Design da Fotografia**. 1. ed. São Paulo: G. Gili, 2015

AUTO RETRATO 02

REGINALDO FRANGULLES FREITAS

RU 2604863

Resumo

O projeto de exposição Auto Retrato 01 tem por objetivo relatar uma experiência artística que foi desenvolvida durante a pesquisa do trabalho de conclusão de curso, voltada para a poética e estética. Esta linha de pesquisa proporcionou entendimento e experimentação do assunto pesquisado, havendo sido produzidas três obras autorais, sendo a base para tal experimentação os estudos realizados para a elaboração do artigo. Segue o relato de experiência em memorial descritivo das três obras autorais desenvolvidas para este trabalho. São elas: Paisagem da Vila em formato *landscape* de 2021, Auto Retrato 01 de 2021 e Auto Retrato 02 de 2021.

1. Introdução

A obra do pintor holandês Vincent Van Gogh não é apenas marcada pelas pinceladas enérgicas e pastosas, mas, principalmente pelo hábil uso da cor, apresentada muitas vezes distanciando-se da cor local, ausência de *sfumato* ou gradiente, evidentemente puras e planas. Tendo por base a análise da cor na obra do artista, tema do Trabalho de Conclusão de Curso, este estudo tem por objetivo desenvolver a capacidade de pintura, afastando-se da cor local, afim de levar expectador a experimentar uma série de sensações e/ou sentimentos, proporcionando uma agradável experiência estética.

2. Marco teórico do relato de experiência

- Contato com a biografia e obra do artista através dos livros: Van Gogh – Obra Completa de Pintura, por Ingo F. Walther e Rainer Mtzger, editora Taschen;

Van Gogh – A Vida, por Steven Naifeh e Gregory White Smith, editora Companhia das Letras.

- Estudo sobre teoria da cor, seus efeitos e simbolismos através dos seguintes livros: A Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão, por Eva Heller, editora G. Gili. O Guia Completo da Cor, por Tom Fraser e Adam Banks, editora Senac São Paulo. Entre outras publicações físicas e digitais.
- Primeira sessão e tentativa de aplicar alguns conceitos apreendidos
- Segunda sessão, agora se valendo de um dos artifícios muito utilizados pelo pintor holandês: o auto-retrato
- Terceira sessão, novamente um auto-retrato, porém utilizando a cor mais dinamicamente.

3. Local e população envolvida no relato

Todas as 3 obras foram executadas na cidade de Viamão, município da região metropolitana de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, não havendo qualquer outra pessoa envolvida no processo criativo das pinturas em questão.

4. Relato primeira sessão

A primeira sessão se deu a partir da captura fotográfica de uma paisagem da Vila São Lucas, Viamão-RS. Sendo que na mesma destaca-se um poste de iluminação pública e o Morro do Chapéu, Município de Sapucaia. Logo após os devidos cortes em software de edição de imagem, fez-se os primeiros riscos a grafite demarcando as áreas de interesse em tela de proporções 30x40cm, em orientação *landscape*. Em sequência deu-se início a pintura a óleo utilizando-se pincéis de cerdas macias, se aplicando camadas de verde para a vegetação abundante azul celeste, azul cerúleo e branco. Nesta primeira etapa ainda me encontrava preso aos padrões da cor local, sendo possível verificar um afastamento apenas na composição das nuvens com muito violeta.

5. Relato da segunda sessão

Para esta etapa optou-se por um auto retrato, novamente partindo de uma fotografia, sendo que os cortes foram executados em software de edição de imagem e posterior conversão para Preto e Branco. Após executou-se, na tela, novamente 30x40 cm, o primeiro risco a lápis HB, afim de não deixar a superfície demasiadamente marcada pelo grafite. Já na pintura propriamente dita, optou-se pela combinação de branco titânio e preto, pois, tratava-se de um estudo para realizar uma segunda obra em cores. Aplicou-se um padrão cinzentos na pintura misturando-se as tintas diretamente na tela, áreas de sombra com mais preto e as de luz com branco puro. Para quebrar a monotonia da cena, utilizou-se verde permanente e azul ultramar nas vestes.

6. Relato da terceira sessão

Para a última sessão, a fotografia do retrato anterior foi reutilizada. Após a execução do desenho a grafite, em tela de dimensões iguais a anterior. Decidiu-se por uma abordagem mais dinâmica, completamente afastado da cor local, mas, ainda de estética agradável. Ao contrário do retrato em Preto e Branco, onde o fundo era todo em branco, neste optou-se per preto, para dar destaque e luz ao personagem. Desta vez para compor o retrato foi utilizada uma harmonia de cores primárias, azul e vermelho. Azul ultramar, celeste e vermelhos cádmio, cádmio escuro, carmin e alizarin crimson para o rosto e violeta para as vestes. Assim, distanciando-se da cor local, mas, ainda não se utilizando apenas de cores planas, pode-se notar o *sfumato* nas áreas de luz e sombra.

7. Metodologia do estudo

Para a execução das três obras comentadas neste relato de experiência foi utilizado o método analítico, tomando como ponto de partida a obra do pintor holandês Vincent Van Gogh.

8. Conclusão do relato

Durante a pesquisa e execução deste trabalho, observou-se que um dos fatores fundamentais para o êxito alcançado, post mortem, por Vincent Van Gogh, em suas pinturas, era seu estado de ânimo, seguido da influência que determinado meio de convivência lhe exercia e, principalmente, a luz natural do lugar onde vivia na época da execução de determinada obra. Além disso, verificou-se o quão difícil é aplicar determinados conceitos apreendidos ao analisar mais apuradamente a sua obra sem parecer mera imitação ou caricatura. Mostrou-se, também, deveras complicado e dificultoso o afastamento da cor local, pois, é extremamente natural e inconsciente a tentativa de aproximação com aquilo que se vê, ou acredita que está lá, no intento de representá-lo. Igualmente, pode-se verificar que tal estudo mostra-se mui salutar e interessante para o desenvolvimento do estilo e poéticas pessoais de cada artista, compreendendo alguns conceitos e vindo a aplicá-los segundo seus próprios critérios.

MEMORIAL DESCRITIVO

Obra: Auto-Retrato 02

Técnica: Óleo sobre tela

Dimensões: 30x40 cm

Ano: 2021

Autor: Reginaldo Frangulles Freitas

Pintura executada a partir de estudo e análise da obra do pintor holandês Vincent Van Gogh. Nela o autor retrata a si mesmo, procurando dinamismo na utilização da cor, harmonizando duas cores primárias, azul e vermelho, afastando-se assim, do uso da cor local. Sendo as tonalidades de azul preferencialmente utilizadas para as áreas de sombra e o vermelho, em variedade tons, para as áreas de luz. Ambas as cores dialogam com o violeta visível na vestimenta do retratado, pois, tal cor deriva do roxo, resultado da mistura do vermelho com o azul. O azul celeste é utilizado para iluminar e destacar áreas de interesse, principalmente os olhos e elevando a fronte, demonstrando altivez. O vermelho mais escuro sombreando a maçã direita do rosto dá a impressão de um sorriso simpático. Também em vermelho, nota-se um vigoroso e proeminente nariz adunco, destacado por estar entre duas áreas em azul. Por fim, o fundo preto emoldura o personagem, enquanto o joga para frente.



